

## Grupo pedagógico de pesquisa e a formação de pesquisadores

RAFAEL BIANCHI SILVA\*

LEONI MARIA PADILHA HENNING\*\*

**Resumo:** O objetivo desse artigo é debater as possíveis contribuições dos grupos de pesquisa no processo de formação de pesquisadores. Para tanto, realiza uma discussão sobre a pesquisa e a universidade, para em um segundo momento, analisar alguns elementos que se encontram na formação e funcionamento de um grupo de pesquisa. A partir disso, são investigados temas como a escolha do objeto investigado, a constituição do grupo de trabalho, o papel do pesquisador-líder e as possibilidades de produção e disseminação do conhecimento derivadas das práticas de investigação. Por fim, destaca-se que a vinculação da formação de pesquisadores à questão da formação humana aponta para aspectos que ultrapassam ao puro ato de conhecer, envolvendo a dimensão afetiva e sensível por parte dos sujeitos que compõem o grupo.

**Palavras-Chave:** Grupo de Pesquisa; Formação de Pesquisadores; Educação.

### Pedagogical research group and training of researchers

**Abstract:** The objective of this article is to discuss the possible contributions of research groups in the process of training researchers. In order to do so, it carries out a discussion about the research and the university in order to analyze, in a second moment, some elements that are in the formation and operation of a research group. From this, research topics such as the choice of investigated object, the constitution of the work group, the role of the researcher-leader and the possibilities of production and dissemination of knowledge derived from research practices are investigated. Finally, it should be pointed out that the link between the training of researchers and the question of human formation points to aspects that go beyond the pure act of knowing, involving the affective and sensitive dimension of the subjects that make up the group.

**Keywords:** Research Group; Training of researchers; Education.



\* **RAFAEL BIANCHI SILVA** é Doutor em Educação (Unesp/Marília); Pós-Doutorado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL).



\*\* **LEONI MARIA PADILHA HENNING** é Pós-Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Educação pela Unesp/Marília. Professora Senior do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina.

## 1. Introdução

A análise em torno da problemática posta na discussão do tema, a saber, a questão do(s) grupo(s) de pesquisa e a formação de pesquisadores, relaciona-se especialmente ao trabalho de formação realizado no âmbito das universidades por diferentes razões que serão tratadas ao longo desse artigo. Desse modo, não desconsideramos outros ambientes em que atividades análogas se desenvolvem, aliás, muito do que aqui será pontuado acreditamos servir também para tais situações. Contudo, dada a nossa experiência, focamos na atividade de investigação realizado nos grupos atuantes dentro dos espaços acadêmicos universitários.

Entendemos que o tratamento da questão nessas instituições apresenta pelo menos duas sortes de aspecto. De um lado, as universidades são, elas mesmas, lugares de promoção de conhecimento, sendo a investigação sistemática, rigorosa e metódica um procedimento essencial para esse exercício. No entanto, percebemos uma tensão fundamental entre o papel nas universidades como construtora de novos conhecimentos e o fato de ser considerada como lugar para a transmissão do que já está construído historicamente.

O saber universitário possui em uma de suas faces a repetição do sabido, sendo que lugares como os grupos de pesquisa podem recair como mera repetição do mesmo, ao invés de propor-se como espaço de relações diferentes daquelas observadas dentro da sala de aula, por exemplo. Assim, parece claramente dissonante com a ideia de universidade, a defesa de que esta instituição seria apenas o lugar *par excellence* da transmissão de conhecimentos cientificamente verdadeiros acumulados e de valores consolidados pela humanidade em sua história.

Essas problemáticas se materializam na rotina das práticas de pesquisa e, em especial, nos grupos de e entre pesquisadores. O objetivo desse artigo é realizar uma discussão acerca das potencialidades pedagógicas e, portanto, formativas, dos grupos de pesquisa, além de analisar os desafios para a sua constituição e manutenção.

Inicialmente, discutiremos a relação da pesquisa com a formação universitária para, em um segundo momento, descrever suas características e questões que atravessam o tema.

## 2. Pesquisa, formação humana e universidade

A universidade, tal como a entendemos, é formada pelos mais diversos saberes cujos *modi operandi* apresentam suas peculiaridades, seus objetos próprios, seus métodos compatíveis, seus referenciais, etc. Tais elementos, em princípio e com reservas, somente enriqueceriam os resultados das atividades de investigação ainda em andamento e as já realizadas. Para além disso,

A Universidade é uma comunidade no sentido forte da palavra, e isso graças ao conjunto de testemunhos que ela proporciona por meio da partilha dos saberes, dos intercâmbios que acontecem simultaneamente entre pensadores, artistas, sábios, figuras políticas e de seus trabalhos que serão estudados e renovados (Koninck, 2007, p. 202).

Mas sabemos que não é bem assim. Há muitas situações em que o confinamento de uma dada “disciplina” em seus “centros científicos” pode gerar os benefícios desejados pelos seus “cientistas” e a produção de uma identidade respeitada pela comunidade acadêmica, mas também, o isolamento motivado por seus dialetos acadêmicos herméticos e pela realização cada vez

maior de recortes da realidade relacionados às especializações. Assim, alguns prejuízos podem ocorrer em contextos no que diz respeito ao reconhecimento e compreensão de certos setores de investigação que passam a manifestar estranheza quanto aos seus processos particulares de se conhecer (ou seja, de pesquisar) acarretando em dificuldades diversas como, por exemplo, o financiamento da pesquisa.

Enquanto tentativa de descrição, um grupo de pesquisa, a partir da liderança científica possuidora de trajetória e experiência na produção de conhecimento, “[...] congrega pessoas com diferentes níveis de formação” sendo “[...] operacionalizado por projetos de pesquisa vinculados a linhas de pesquisa com aderência ao campo de conhecimento que identifica o referido grupo de pesquisa” (OSINKI; ROMAN; ERDMANN, 2015, p. 153).

Nesse contexto, aparece outro aspecto que possui um caráter ambivalente. Trata-se da confluência de “pesquisadores” em diferentes níveis de formação: uns ainda como graduandos iniciantes, outros como pós-graduandos que investigam junto a docentes mais experientes determinado(s) objeto(s)/realidade(s) em si complexo(s). Assim, o grupo de pesquisa configura-se “[...] em um espaço com cultura própria, onde fatos reais são identificados, compartilhados e analisados sob diferentes perspectivas” (ROCHA; PAULA, 2017, p.184)

A rotina de um grupo de pesquisa está atrelada à participação de pesquisadores em formação, ou seja, os alunos, como é evidente. Ao mesmo tempo, busca-se o fortalecimento, reconhecimento e disseminação do exercício de atividades referentes àqueles que se encontram na prática de pesquisa já há mais tempo. A participação dos primeiros é um dos

pilares de funcionamento do grupo porque são eles que, de certo modo, o oxigenam. São os alunos, por exemplo, que trazem perguntas, muitas vezes simples, que ainda não foram pensadas ou aprofundadas pelo pesquisador-líder. São eles que nos provocam a olhar novamente para um aspecto do problema/realidade que se lhes impacta ou incita-lhes a curiosidade ou se mostra diferente nos desdobramentos e consequências teórico-práticas.

É através dessa relação que um grupo de pesquisa adquire novos papéis que não estão apenas circunscritos à construção do conhecimento. Ele também é pedagógico visto que atua igualmente na formação dos participantes possuindo um papel importante não apenas para os pesquisadores já consolidados, como também para aqueles que buscam o grupo como forma de obter novos conhecimentos acerca de um determinado campo ou universo de investigação, por um tempo curto ou médio, sem maiores ambições de carreira nesta atividade.

Ao mesmo tempo, através da inclusão no grupo dá-se a inserção sistemática e gradativa do participante à comunidade do conhecimento. O ato de pesquisar, em seus diferentes níveis, torna-se um importante provocador para a produção da subjetividade no sujeito em formação, sendo que no processo de realização da pesquisa, torna-se possível reconhecer diferentes modos de ser estudante que ultrapassa a posição, comumente passiva, da rotina observada e vivenciada em sala de aula. Conforme apontam Bianchetti, Oliveira, Silva e Turnes (2012, p. 573):

Esse processo de formação de novos pesquisadores requer reflexão e criticidade perante o que está sendo investigado, da mesma maneira que demanda um trabalho coletivo, o conhecimento profundo dos métodos

utilizados (observação, trabalho de campo, análise e síntese do que foi investigado) e também o conhecimento e a importância da práxis (teoria e prática).

É muito frequente ouvirmos de alguns dos participantes que no seu curso de graduação, infelizmente, não havia apreendido elementos importantes para a sua formação (visto a enorme bagagem teórico-prática que teria de adquirir num prazo inapropriado) e que a grande oportunidade complementar do seu conhecimento lhes estaria sendo oferecida na participação regular no grupo de pesquisa. Isso acontece, especialmente, considerando a disponibilidade dos mais experientes para esse enriquecimento e as oportunidades de exposição de suas próprias ideias num ambiente mais amistoso.

Porém, do ponto de vista burocrático-acadêmico, as atividades de um grupo de pesquisa podem recair na constatação de que configuram apenas numa outra forma no rol das diversas atividades do aluno em seu caminho formativo. Trabalho esse que pode ser visto muito mais como um fardo do que necessariamente como algo prazeroso. Até porque os possíveis resultados do trabalho no grupo ou as mudanças observáveis em si mesmas pela participação fazem parte de um processo lento e, neste segundo ponto, muitas vezes imperceptível a uma primeira mirada. Assim, a relação dos alunos com tal atividade pode se configurar como algo frágil, sem o compromisso necessário ao processo de pesquisa.

Contudo, como defende Koninck (2007, p. 202), a universidade justamente une os mais jovens e os mais velhos porque “[...] preserva a ligação entre o conhecimento e o apetite de viver [...]”. Mais do que isso uma universidade na qual o trabalho, dedicação aos estudos e a paixão pelas ideias “[...] aparecem como socialmente

inaceitáveis não seria mais uma universidade e sim um seletivo grupo para pequenos satisfeitos (2007, p. 202).

Nesse sentido, se entendemos por universidade uma comunidade mesclada pela riqueza dos interesses humanos e sociais em interação, por diferentes tonalidades produzidas pelas mais diversas percepções diante do real que tentam dele apreender as aproximações mais produtivas para o entendimento e ações humanas, consideramos que as atividades investigativas acabam por possuir algo em comum: produzir conhecimentos sempre parciais, alguns deles complementares e suplementares entre si, sempre questionáveis e, por isso, permanentemente revisáveis. Demo (2006, p. 17) afirma que pesquisar ganha contornos específicos “[...] a começar pelo reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe superar-se [...]”.

Nos primórdios da constituição das universidades, pensava-se que ela teria a função central de oferecer aos jovens as referências básicas para uma sua mais aperfeiçoada atuação na sociedade a partir de uma melhor compreensão do humano vivendo no seu imediato meio físico e social e no universo mais amplo. Daí a necessidade de uma gama de conhecimentos a ser oferecida aos seus frequentadores. Contudo, nos deparamos com denúncias de que as instituições públicas hoje estão à mercê de uma abordagem corporativista que estabelece a todos necessidades a partir do mercado de trabalho e do investimento em especializações rentáveis ou ainda serviriam como base para a transmissão acrítica de determinados saberes com objetivo panfletário.

Nessa linha de raciocínio aponta-se para uma enorme dificuldade: a impossibilidade de se produzir diplomados permanentemente valorosos, uma vez que a tecnologia galopa aos

sabores dos achados mais atualizados produzidos pela ciência, gerando a obsolescência dos conhecimentos acumulados ao longo de uma dada formação (ver BAUMAN, 2008; VEIGA-NETO; SARAIVA, 2009). A partir dessa premissa, reivindica-se a necessidade de se ensinar o jovem a pensar, preparando-o para o enfrentamento das mudanças em um mundo instável e dinâmico.

De um modo geral, podemos reclamar do abandono do *core* acadêmico que se encontra nas raízes dessa instituição: a formação humana para o bom desempenho de uma cidadania politicamente bem formada enriquecida pelos conhecimentos e habilidades investigativas consoantes ao espaço-tempo em que vivemos e que nos desafia para uma agigantada convivência plural de interesses múltiplos. Sobre esse ponto, Koninck (2007, p. 203) afirma:

Há muito que se temer quando se constata que a razão pela qual a comunidade universitária não ensina mais as elites a se elevar acima de seus interesses egoístas e de seu estreito ponto de vista é devido ao fato de ela mesma estar penetrada pelo interesse egoísta e por uma visão estreita que tem como objetivo apenas acomodar-se em um mundo de corporações profissionais

A partir das questões até o momento colocadas e tendo-as como impulsionadoras de nossa análise sobre a formação de pesquisadores, é que propomos alguns encaminhamentos em torno da relação que aproxima os dois aspectos presentes na nomenclatura que adotamos sobre grupos de pesquisa, a saber, processo formativo e de investigação.

### 3. A formação de pesquisadores nos grupos pedagógicos de pesquisa

A questão acerca da relação entre a formação de pesquisadores e a prática/participação em grupos de pesquisa parece em um primeiro momento algo bastante obscura, já que a primeira, a nosso ver, encontra-se intimamente vinculada à segunda, mostrando serem inseparáveis. Além disso, por se tratar de uma prática cotidiana do pesquisador, por vezes a executamos sem parar para refletir o que ela implica, quais seriam suas características, dinâmica e decorrências. Pensar, portanto, sobre essa relação é atuar sobre uma prática a qual todos, enquanto pesquisadores, já presenciamos, participamos e contribuímos ativamente em sua constituição.

É intrigante o fato de, segundo as nossas experiências, termos observado que cada grupo de pesquisa em que atuamos possui uma forma de organização que, por vezes, pode levar tanto à construção e disseminação de conhecimento, como também, em outros casos, à dissolução do próprio grupo. O que delimita ou potencializa tais consequências? Quais as condições para a formação e, em especial, para a consolidação de um grupo de pesquisa em formação?

Para começar, talvez seja interessante nos perguntarmos como se inicia o trabalho de configuração de um grupo de pesquisa. Partimos do que indicam Teixeira, Passos e Arruda (2015, p. 2019):

Acreditamos que a aprendizagem para a pesquisa não possui um ponto de chegada ou um nível a ser atingido. Ela se desenvolve na medida em que o pesquisador trabalha e aprimora seu modo de investigar com o aumento de seu conhecimento teórico e prático. No

entanto, esta aprendizagem começa no momento em que o sujeito sente interesse em se candidatar a um curso de pós-graduação, participar de um grupo de pesquisa ou, até mesmo, uma iniciação científica (graduação).

Conforme afirmam Zanella e Pereira (2001), um grupo, possuidor de uma realidade própria e produto das interações entre os participantes, constitui-se a partir de suas produções que incluem aqui, os processos de aprendizagem. Isso somente acontece a partir da sua capacidade de organização coletiva e da capacidade de compartilhamento do individual e singular e transformação destes universos em algo pertencente a todos. Sobre essa questão, Foletto e Isaía (2017, p. 346) definem que a construção de um grupo

[...] parte da compreensão de que são pessoas reunidas com um objetivo comum e que, mesmo com dificuldades e limitações, trabalham de acordo com o seu tempo envolto no desafio de aprender, ensinar, criar, transformar e motivar, procurando sempre chegar a um entendimento neste espaço coletivo [...]

Assim, a princípio, essa união de pessoas em torno de algo minimamente comum, que por sua vez, pode ser constituído a partir do coletivo ou forjado a partir do interesse de um dos seus integrantes que manifesta força suficiente para persuadir os demais, um lugar comumente conferido ao líder. Esse (“um”) integrante parece ocupar lugar diferenciado no grupo, sendo que alguns poderiam inclusive caracterizá-lo como especial: mais do que um papel funcional, ou seja, burocrático, mas um lugar simbólico de liderança.

Quando dizemos isso, indicamos que um grupo parece necessitar de alguém que sirva de referencial, que possa conduzi-lo, realizar proposições e tomar algumas decisões, ser aquele que, de alguma forma, aparece e se posiciona em

momentos cruciais para a existência ou manutenção do grupo. Dentre as características, poderíamos indicar como sendo alguém que se confia pelos mais diferentes motivos: é mais experiente, organizado, assíduo, oferece uma expectativa de futuro nos estudos ou no trabalho, bem relacionado, dentre outras marcas.

Nesse aspecto, conforme afirmam Rocha e Paula (2017), existem características que parecem ser necessárias ao pesquisador-líder. As autoras indicam dois pontos que se configuram como valor essencial para produção de conhecimento quanto para a educação para a pesquisa. O primeiro é a capacidade de operar para além do ciclo dinâmico de conhecimento que inclui um caminho de identificação do conhecimento tácito, explicitação, formalização, captura e, finalmente, promoção desse conteúdo na direção da produção de um novo conhecimento. O segundo ponto relaciona-se com a capacidade do pesquisador-líder pela via afetivo-emocional, criar as pontes simbólicas que permitam que o conhecimento produzido a partir de esforços individuais e coletivos possa ser compartilhado e formalizado.

Assim sendo, pode-se observar que não defendemos a ideia de que constituição de um grupo implica em uma ação despótica ou autoritária de um pesquisador-líder ou que represente a síntese das regras institucionais. Não se trata disso. Em grupos que pretensamente funcionam por autogestão, ou seja, a partir de ações/decisões tomadas dentro de um coletivo, mesmo que não seja instituída uma liderança, ela acontecerá de algum modo. Considera-se que para um grupo se consolidar em suas práticas é necessário existir esse sujeito que organize, provoque e dê algumas diretrizes ao funcionamento dessa união

de pessoas, seja por vias normativas ou pela própria dinâmica, processos decisórios e deliberativos do grupo. Sobre essa questão, Martins (2002) pontua que pode ser observado um movimento quanto a posição do pesquisador-líder, que ao ocupar um lugar de horizontalidade em relação ao demais integrantes, torna-se um facilitador que permite ao grupo se organizar a partir de sua condição de autonomia.

Assim, partimos da premissa de que é necessário, para um grupo, ter uma referência. Quando pensamos em grupo de pesquisa, o pesquisador-líder é aquele que se oferece não apenas em uma condição corporal e subjetiva para ocupar tal tarefa ou lugar. Mas é aquele que expõe inicialmente seus desejos ou, em outras palavras, descreve e, de certo modo, confessa, para onde seu olhar está direcionado, o que vem a configurar seu objeto de investigação.

Em nosso caso, os grupos de pesquisa, ao menos *a priori*, esses dois elementos parecem estar delimitados antes mesmo das atividades se iniciarem e vão sendo atualizados ao longo do tempo de funcionamento do grupo. É por isso que se trata de uma exposição por parte de líderes de grupos. Além de servir de referência (ou seja, ocupa um lugar que não sabe se será seu ao longo do funcionamento do grupo), delimita, estipula ou em última instância inventa um objeto particular, que teria certa pretensão de ser algo comum a todos os membros do grupo, pautado em critérios originários de sua própria experiência mais amadurecida e visão acadêmica, científica, profissional e humana dela decorrente.

Para além da dimensão burocrática, a proposição de um grupo de pesquisa é um ato de coragem por parte do pesquisador porque a sua constituição depende de um

processo de descentralização: um escape do que é de si mesmo para transformar-se em algo que incorpora o tu, o outro, os outros ou, para além disso, uma dinâmica grupal na qual é colocada uma aposta de tornar-se coletividade que tem como elemento mediador a prática de pesquisa. Assim, trata-se de sair de um movimento centrípeto em direção a um fechamento, para outro tipo de ação, centrífuga, voltada para fora, englobando a dimensão da alteridade (BAUMAN, 2009).

A construção de um grupo de pesquisa parece estar relacionada com um transbordar, sair dos limites que o olhar e experiência individual impõem, processo provocado pelos encontros. Ao mesmo tempo, todo esse exercício deve garantir a sustentação de uma comunidade ligada pelo que é comum a todos os indivíduos que dela participam efetivamente por uma comunicação facilitada por um diálogo claro de uns com os outros. Desse modo, o processo de desenvolvimento de grupo passa necessariamente por adquirir um crivo de compreensão a ser objetivado por todos os seus participantes os quais, embora apresentando as suas peculiaridades (já mencionadas anteriormente), não podem manter-se em situação de inferioridade, de passividade, de subjugo à mentalidade de alguém que possa se colocar num patamar de excelência.

Para a comunicação assegurar a participação em uma compreensão comum, necessitará assegurar análogas disposições emotivas e intelectuais – isto é, modos análogos de reagir em face de uma atividade em perspectiva e dos meios de realizá-la (DEWEY, 1952, p. 23).

É exatamente essa questão um dos operadores que impede, ao menos a princípio, que o ato de pesquisar em um grupo não seja uma mera ação repetitiva ou mesmo obrigatória porque é uma prática própria do processo de construir

conhecimento. Ao fazer vínculos com outros, parece comum que mudemos também nossa forma de sentir e nos relacionar com o objeto de investigação, que por sua vez, muda também a sua maneira de se apresentar.

Entendemos que este ponto está intimamente relacionado com uma tensão estabelecida entre os diferentes participantes-agentes que farão parte do percurso de trabalho do grupo, já que cada um traz consigo uma história que oferece suporte para a relação que possuirá com o espaço de trabalho no grupo, além de possibilitar a ligação com o objeto de pesquisa operado ao longo do processo.

Por isso, também no que tange aos participantes, é necessário, de algum modo, a mesma implicação e coragem colocada à prova pelo “líder”, ainda que por motivos que podem ser diferentes. Não sendo possível ficar à margem, fora de tal movimento, apenas o fato de estar no grupo, de existir nele corporalmente já impõe um compromisso ético com os demais sujeitos participantes e com o trabalho a ser colocado em andamento.

E de que trata esse trabalho? Em princípio, e certamente, de pesquisa. Mas essa delimitação, para que o grupo possa transitar dentro de tal eixo, não é algo simples de ser operacionalizado, pois como bem pontua Mansano (2012, p.4), “[...] a pesquisa ganha contornos naquilo que incomoda, naquilo sobre o que pouco se sabe e que, por isso mesmo, que pode levar o pesquisador a lugares e conexões imprevisíveis [...]”.

Mesmo possuindo um vínculo com uma instituição que fornece as bases para que a prática (pedagógica) de pesquisa possa acontecer (em nosso caso, a instituição universitária), é exatamente essa dimensão instituída que coloca questões

que podem se tornar problemáticas para o andamento do grupo.

#### **4. Sobre os papéis distribuídos aos integrantes de um grupo**

Pontuamos que o pesquisador-líder possui uma questão, um incômodo que dá início à formação do grupo. Mas os demais? Qual questão os move? O que fundamenta suas ações? Ainda que não seja possível demarcar de forma conclusiva, pode-se pressupor que tais motivações tendem a ser divergentes entre si. Muitos deles, conforme levemente já indicado anteriormente, lá estão apenas para cumprir carga horária obrigatória, realizar um trabalho complementar para a obtenção de um título, somar créditos e ter atividades como bolsista, dentre outras.

Isso já nos leva a outra intercorrência que se mostra bastante ambivalente ao bom andamento de um grupo, a saber, a fluidez da equipe de trabalho que pode, em alguns casos, prevalecer. Nesse caso, encontramos um novo desafio. Os membros tendem a ser voláteis. Ainda que exista um compromisso burocrático, na prática, o que observamos, muitas vezes, é que não há por parte de alguns participantes uma fidelidade aos grupos, em especial, os alunos. Em outras palavras, há frequentemente um “entra e sai” no grupo, algo que, à primeira vista, parece impróprio à atividade pedagógica de pesquisa.

Contudo, também encontramos situações de pacto que se estabelece entre os seus membros, os quais mesmo já tendo adquirido o que inicialmente buscavam, continuam com sua curiosidade aguçada sendo dirigidos pelo seu gênio investigativo por muitos anos em plena atividade. Diante dessas situações, nos perguntamos o que motivou a constituição do primeiro e do segundo modelo?

Há, todavia, naquele movimento de troca de membros, a possibilidade de se ofertar ao grupo novos olhares, retomar questões que aparentemente já se encontravam fechadas e resolvidas para a pesquisa ou ainda oferecer incômodos teóricos ainda não expressados e que podem ganhar materialidade pela presença e ação dos novos integrantes.

Consideramos importante ressaltar que mais do que fundar um grupo é necessário construir uma equipe de trabalho que possa suportar a falta das condições objetivas imediatas no caminho que está sendo realizado. Quando falamos em equipe de trabalho não estamos apenas indicando um emaranhado de gente que se encontra numa quantidade de vezes por mês em prol de algumas horas contabilizadas em uma planilha (seja de trabalho ou acadêmica), por exemplo. A construção de uma equipe tem como pressuposto a elaboração e atuação em papéis que conferem dinâmica ao grupo e que podem culminar, de algum modo, com o que podemos demarcar como a construção da identidade de grupo.

Diante do exposto, entendemos um grupo como uma organização em movimento. Quando falamos de uma identidade, indicamos uma localização, um ponto de fixação e controle que ordena as atividades. Ter um objeto e uma metodologia de trabalho delineados é uma forma de iniciar o processo. Mesmo que seja para alterá-los tempos depois e dar uma nova cara ao grupo, saber sobre o que se trata o trabalho e seus objetivos são pontos fundamentais para esse processo de formação do grupo, ou seja, a transformação de um emaranhado de gente para a constituição de outra coisa, mais orgânica, mais funcional voltada ao ato de pesquisar coletivamente.

Nesse sentido, se observamos as atividades do grupo de pesquisa com um corte no tempo, talvez uma de suas

principais características seja a fragmentação. Porém, se chegarmos mais próximos desses fragmentos, desses pedaços de história e participação, podemos encontrar também, pequenas preciosidades. São nesses breves tempos que surgem, por exemplo, as atividades de iniciação científica ou mesmo a construção de um trabalho de conclusão de curso. Ainda que aparentemente “menores”, as ações esporádicas, as micro-pesquisas que derivam ou desembocam no universo maior de investigação, podem trazer contribuições interessantes e importantes para a dinâmica grupal.

É através delas, então, que talvez seja possível construir o caminho formativo do grupo porque são exatamente tais atividades que nos mostram as questões que trouxeram cada um a atuar e participar desse espaço. Assim, a partir desses fragmentos, a pesquisa se faz e passa por um processo de mutação que inclui os participantes em condição de implicação com o projeto de manutenção, elaboração e importância de estar no e para o grupo.

Ao mesmo tempo em que observamos tal instabilidade em relação aos membros de um grupo, também a problemática de investigação pode ser assim caracterizada. Mesmo que giremos em torno de um eixo aparentemente estável, as discussões, digressões e construções de um grupo de pesquisa mostram, mais do que uma identidade, mas diferenças, podendo o espectro dos interesses que transitam no grupo, ser ampliado, promovendo relações com diversas outras temáticas antes não previstas objetivamente

Ao analisar uma experiência de formação de grupo, Zanella e Pereira (2001, p. 111) nos oferecem um entendimento acerca do movimento realizado no processo de formação. Segundo as autoras, este é

caracterizado “[...] por rupturas e continuidades em relação às condições anteriores ao encontro dos sujeitos, as quais foram significadas bem como singularizadas pelo encontro/confronto entre estes”. Não podemos a cada mudança de tema a ser trabalhado pelo grupo, mudarmos a equipe. Talvez ao fim, o que se espera da formação de pesquisadores a partir da experiência do grupo, seja o entendimento de que essa instância se constitua num espaço para ser diferente do outro com o qual divide atividades comuns, cuja construção mostre as peculiaridades em escolhas e práticas singulares que irão se manifestar no percurso de existência e participação no grupo. Porém, mesmo diferindo, há algo que se repete, que confere o laço com o idêntico, com o que o grupo propõe como ponto de partida. É isso que garante que mesmo afastando-se pela diferença em relação ao objeto ou objetivos do grupo, cada pesquisador possa marcar presença e contribuir para a continuidade do conjunto.

Como afirmam Kastrup e Passos (2013, p. 267, “[...] o comum é aquilo que partilhamos e em que tomamos parte, pertencemos e nos engajamos [...]”, sendo que a construção desse plano, que confere sentido à própria formação de um grupo, não pode ser entendida como um abrandamento das diferenças, visto que a construção de estratégias de coexistência não diminui, necessariamente, o atrito das presenças

Entendemos ser por essa via que um grupo de pesquisa possa progredir, amadurecer. Ou seja, ele cresce não apenas pelo tempo que possui de caminhada ou devido ao acúmulo de conhecimentos individuais. Seu amadurecimento pode ser visto pela capacidade que o grupo tem de suportar novas inserções, mudanças de direção, contraposições, investigações menores,

etc., sem perder a seriedade e o compromisso com os objetivos estabelecidos, opondo-se em contrapartida a posturas éticas e epistemológicas dogmáticas e rígidas. Assim, o desenvolvimento do grupo não pode ser apenas atrelado à capacidade de produção de conhecimento, como também deve implicar na análise mais ampla das mudanças formativas dos sujeitos que dele fazem parte. No final das contas, enquanto sujeitos vivos, mudamos. Essas mudanças também trazem frescor aos processos. Se um novo participante oxigena a mudança de temática ou, de modo mais radical, de objeto, potencializa a renovação efetiva do grupo. O grupo avança porque, através da formação de uma equipe de trabalho, consegue reconstruir suas questões iniciais, sem perder o laço que une seus participantes.

Cada grupo de pesquisa possui a marca do lugar que foi constituído e está de alguma forma circunscrito dentro da dinâmica institucional ao qual ele encontra-se vinculado. Trabalhar dentro de tais atravessamentos – que podem dificultar a gestação do novo, ao mesmo tempo em que se percebe a inevitabilidade da sua produção - parece ser o grande desafio que temos em nosso cotidiano de pesquisa.

## **5. Alguns encaminhamentos**

Espera-se que a participação nos grupos de pesquisa possa ser um importante operador de mudanças em todos os participantes, seja do ponto de vista do conhecimento adquirido, como também, na postura em relação ao mundo vivido, experienciado, e que serve de ponto de partida e chegada para os conceitos e construções derivados do tipo de pesquisa. Isso é o que confere ao grupo seu estatuto formativo.

Enquanto elemento educativo, ainda que seja possível observar efeitos de curto prazo, o desenvolvimento de habilidades inerentes ao pesquisador se configura como investimento de médio a longo prazo no qual não há garantias dos possíveis desdobramentos que virão a ocorrer. Portanto, saber lidar com essas dificuldades e incertezas é algo presente no cotidiano do grupo.

Ainda no que diz respeito aos desafios de se manter um grupo de pesquisa em funcionamento, gostaríamos de indicar alguns pontos que podem nos auxiliar a pensar modos de ampliar a ação de nosso trabalho. O primeiro deles diz respeito à falta de dialogicidade e encontros com outros grupos de pesquisa. Mesmo entre os grupos de pesquisa dentro de uma determinada instituição há essa dificuldade, que dirá entre grupos constituídos nas diversas instituições que apresentam práticas, rotinas, valores, em suma, políticas diferentes! Ainda que conversemos com colegas e realizemos a difusão de nossos trabalhos, poderia ser uma prática bastante interessante e produtiva, caso tivéssemos maior integração nas trocas de experiências e conhecimentos.

Essa vinculação externa com outras células de pesquisa coloca à prova o percurso e o trabalho do grupo. Ao mesmo tempo, também possibilita que cada um de nós, experiente, no contato com outros pesquisadores, novas formas de fazer pesquisa e mais do que isso, novos modos de experienciar outros modos organizativos de fazer pesquisa, assim como também, se configuraria como mais uma forma de disseminação do que vem sendo pesquisado dentro de diferentes grupos.

O segundo ponto está atrelado à lógica de produção de um grupo. Ainda que o ato de pensar seja independente da escrita, como afirma Lourau (1993), entendemos

ser inevitável que a atividade do grupo produza meios de disseminação, seja via de artigos, organização e participação em eventos, organização de livros, etc. Mais do que um grupo de pesquisa, acima de tudo, esse tipo de atividade demonstra que um grupo de trabalho não é circunscrito ao ato de pesquisar solitariamente, mas o de escrever e falar sobre o que está sendo ou que já foi pesquisado.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que o grupo vai ganhando raízes, também vai ampliando o seu poder de atuação, construindo capilaridade. Vai fomentando novas discussões e angariando força de trabalho junto àqueles que almejam iniciar o caminho da pesquisa. Assim, acreditamos que a exposição das atividades de um grupo nunca é apenas uma forma de mostrar o conhecimento construído, até porque tais oportunidades também atuam de modo retroativo, retroalimentando e reconstruindo o trabalho.

É isso que diferencia essa prática de trabalho de qualquer outro modo de pesquisar. Poderíamos nos reunir informalmente e pensar modos de investigar determinada questão. Mas a formalização do grupo está em assumir o papel de levar o conhecimento nele produzido para outros e, a partir disso, potencializar o movimento de ideias.

Estabelecemos, portanto, um parâmetro ético por parte dos pesquisadores, especialmente, no que tange ao pesquisador em formação: não apenas ele deve alimentar-se do grupo, como também precisa devolver a ele, à comunidade acadêmica e à sociedade, modos de pensar mais ampliados como frutos colhidos a partir de sua imersão séria e responsável no trabalho investigativo.

Entendemos, assim, que o trabalho de pesquisa não pode ser um fim em si mesmo. A disseminação por diferentes meios ganha um papel importante na medida em que percebemos a materialização do trabalho realizado pelo grupo, momento que permite aos seus membros avaliarem seu próprio trabalho, ao mesmo tempo, em que é realizada uma abertura para novas problematizações. O crescimento individual do pesquisador deverá ser percebido, portanto, por diferentes aspectos, a saber, intelectual, profissional, ético, afetivo e social. As condições objetivas vividas nas atividades de pesquisa adicionam elementos significativos na instância subjetiva e pessoal daquele que, de fato, participa das ações programadas, possibilitando uma ampliação da visão individual original.

Quando anunciamos a necessidade da vinculação da formação de pesquisadores à formação humana, enquanto atividades próprias ao universo efetivamente acadêmico, queremos enfatizar os aspectos afetivos, emotivos e sensíveis presentes nos grupos de pesquisa. Daí a constatação de que os seres humanos são mais do que intelecto e razão. Assim, observamos que são os laços de amizade, de comprometimento e de filiação a determinadas crenças e ideias entre os participantes que tornam a frequência ao grupo algo prazeroso e vivificante, ultrapassando a prática da pesquisa apenas.

#### Referências

BAUMAN, Z. **Vida para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BIANCHETTI, L., OLIVEIRA, A., SILVA, E., & TURNES, L. A iniciação à pesquisa no Brasil:

políticas de formação de jovens pesquisadores. **Educação (UFSM)**, v.37, n.3, p.569-584, 2012.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2006.

DEWEY, J. **Democracia e educação**. 2ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1952.

FOLETTTO, D.; ISAIA, S. (2017). O estado da arte sobre a formação de pesquisadores no espaço grupal. **Reflexão e Ação**, v.25, n.3, p.339-358, 2017.

KASTRUP, V. PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.25, p.263-280, 2013.

KONINCK, T. **Filosofia da Educação: ensaio sobre o devir humano**. São Paulo: Paulus, 2007.

LOURAU, R. **Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

MANSANO, S.R.V. Alguns desafios colocados para a pesquisa qualitativa na contemporaneidade. **Revista Espaço Acadêmico**, v.12, n.136, p.1-9, 2012.

MARTINS, A.M. Autonomia e Educação: a trajetória de um conceito. **Cadernos de Pesquisa**, v.115, p.207-232, 2002.

OSINSKI, M., ROMAN, D.J & ERDMANN, R.H. Expectativas do pesquisador líder acerca do desempenho de grupos de pesquisa em administração. **Unoesc & Ciência**, v.6, n.2, p.151-164, 2015.

ROCHA, J. A. P & PAULA, C.P.A. A jornada do pesquisador: uma metáfora conceitual sobre a construção da trajetória de um líder. **PRISMA.COM**, v.34, p.178-208, 2017.

SARAIVA, K.; VEIGA-NETO, A. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação. **Educação e Realidade**, v.34, p.187-202, 2009.

TEIXEIRA, L.A., PASSOS, M.M. & ARRUDA, S.M. A formação de pesquisadores em um grupo de pesquisa em Educação em Ciências e Matemática. **Ciência & Educação**, v.22, p.525-541, 2015.

ZANELLA, A. V.; PEREIRA, R.S. Constituir-se enquanto grupo: a ação dos sujeitos na produção do coletivo. **Estudos de Psicologia**, v.6, n.1, p.105-114, 2001.

Recebido em 2020-07-01

Publicado 2020-07-21